



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a solenidade de assinatura de ordem de início das obras do PAC no estado de Pernambuco

Recife – PE, 26 de março de 2008

A primeira fase do nosso encontro foi a fase em que nós anunciamos os recursos para Pernambuco. Agora, vocês têm que pagar a conta participando da segunda fase, que é ouvir os nossos discursos. Mas, de qualquer forma, eu quero agradecer a Deus por estar vivendo este momento, por ser presidente da República e ter o João Paulo como prefeito durante seis anos e poder exercer o meu segundo mandato com o companheiro Eduardo Campos sendo governador do estado de Pernambuco.

Quando nós chegamos à Presidência da República, não existe espaço, não existe momento em que o presidente da República possa perder um minuto da sua vida, no exercício do mandato, respondendo a determinadas críticas da oposição ou falando mal de quem quer que seja. Presidente da República é um cargo tão importante e tão almejado por tanta gente, que quando a gente chega lá, a gente tem que abrir os ouvidos para o grito do povo, fechar os ouvidos para a crítica das oposições e trabalhar o tempo inteiro para realizar o programa que foi a razão da nossa eleição.

Eu estou dizendo isso para começar dando os parabéns ao Eduardo Campos e à Maria Fernanda, porque fizeram o acordo que devolve a Pernambuco o direito de ter acesso ao dinheiro da Caixa Econômica Federal. Esse mesmo acordo, Eduardo, você era meu ministro e eu tentei fazer com o ex-governador Jarbas Vasconcelos o mesmo acordo. Era um pouco melhor, Geddel, do que o acordo que nós tínhamos feito com a Bahia, mas possivelmente os advogados que trabalhavam para o governo naquela época diziam para o governador que não precisava fazer acordo, porque iam ganhar



na Justiça. Ora, a Caixa Econômica não tem dinheiro dela, também. Grande parte do dinheiro da Caixa é dinheiro do trabalhador brasileiro, é dinheiro do FAT, é dinheiro do Fundo de Garantia. Então, a Caixa não pode dar o dinheiro, a Caixa tem que emprestar o dinheiro, porque o dinheiro é do povo brasileiro também.

Pois bem, não foi possível fazer acordo. Quem ganhou com isso? Pernambuco ganhou alguma coisa? Sabem quem perdeu? O povo de Pernambuco, porque o estado ficou oito anos sem poder tomar um real emprestado à Caixa Econômica Federal. Então, a briga e a teimosia das pessoas às vezes são tão irracionais, que a gente não percebe que no meio da briga de dois gigantes, o povo está lá como se fosse uma fatia de mortadela esmagada, sendo engolida, sem ninguém perguntar ao povo se ele quer que faça assim ou que faça assado.

Eu sei que você já foi criticado, companheiro, eu sei. Mas eu quero te dizer e quero dizer à companheira Maria Fernanda: o acordo que vocês fizeram restitui ao estado de Pernambuco a grandeza que Pernambuco conquistou desde o tempo em que lutou contra os holandeses, desde o tempo em que fez, cinco anos antes da independência brasileira, a independência de Pernambuco, que fez a Confederação do Equador.

Companheiros e companheiras, a história do povo brasileiro é uma história de segregação para muitos e de muitos benefícios para poucos. Já na Revolução de 1917 e na Confederação do Equador, a elite de Pernambuco discutia se não seria bom chamar os negros, se não seria bom chamar os índios para participarem mais ativamente, e a elite falava: “Não, nós não podemos chamá-los, porque se eles participarem e aprenderem, daqui a pouco vão fazer guerra contra nós e vão querer mandar no estado”. A política brasileira é assim.

Estou vendo um homem ali, o Severino, que foi presidente da Câmara. E foi eleito presidente da Câmara porque a nossa oposição queria derrotar o



governo, achando que o Severino iria ser contra o governo. Pois bem, elegeram o Severino. Não levou muito tempo, perceberam que o Severino não era oposição ao governo, e trataram de derrubá-lo com a mesma facilidade com que o elegeram. E, certamente, aquela parte da elite paulista ou do Paraná, que te convidava para fazer palestra todas as semanas para falar mal de alguns projetos, hoje, se o encontrarem na rua não o cumprimentam, e eu continuo tendo o mesmo respeito, hoje, que eu tinha por você há muito tempo, porque a relação humana não é feita apenas de um momento, a relação humana é feita de forma mais sadia, e quando a gente comete erros, a gente paga. Mas é importante que a gente saiba que a hipocrisia deste País deixou a grande maioria da população marginalizada.

Eduardo Campos, aqui no Brasil, eu digo todos os dias: a elite política brasileira, aqueles que chegaram ao poder, com raríssimas exceções – a gente poderia lembrar de Getúlio Vargas, de João Goulart, de Juscelino Kubitschek –, as pessoas estavam preparadas para governar o Brasil apenas para 30% da população. Se não fosse assim, os bairros pobres do Brasil não cresceriam numa dimensão maior do que crescem as cidades. Uma palafita começa com um barraco, e em um ano tem mil, em dois anos tem duas mil. Por quê? Porque não era prioridade e não era interessante assumir o compromisso de consertar aquilo, porque pobre neste País, Geddel, só é valorizado em época de eleições. Eu duvido que vocês já tenham visto, numa campanha política, um candidato falar mal dos pobres. Eles falam mal dos ricos, falam mal dos banqueiros, falam mal dos empresários, falam mal de qualquer coisa, mas os pobres são endeusados, porque é o único momento em que os pobres têm o mesmo peso que os ricos. Na hora em que estão na fila para votar, mesmo que os pobres estejam esfarrapados, é capaz de o candidato chamá-los de doutores. Agora, depois das eleições, o pobre vai continuar pobre, e aqueles de quem os candidatos falaram mal a vida inteira vão para a mesa deles beber e comer, vão tomar café.



É por isso que nós não temos que ter vergonha, e não ter nenhum momento de fraqueza de dizer: nós governamos para todos. O prefeito João Paulo, o Eduardo Campos e eu queremos que os bancos ganhem dinheiro, que os empresários ganhem dinheiro, que todo mundo ganhe dinheiro, porque se não ganharem, quem vai perder é o povo. Nós precisamos que as empresas cresçam, que gerem empregos, que as nossas fazendas produzam, que gerem empregos. Nós queremos todo mundo bem, mas no que não podemos vacilar é que o Estado brasileiro não tem que cuidar dos mais ricos, ele tem que cuidar dos mais pobres, que precisam dele. E se a presença do Estado... Por que cresce a violência nos bairros mais pobres do País? Porque lá está o bandido que, talvez, seja filho das políticas econômicas implantadas neste País, que não geraram emprego, que não geraram educação e que não geraram esperança para muitos jovens, nesses últimos 30 anos.

Mas se lá não tem a prefeitura, se lá não tem o governo estadual, se lá não tem o governo federal, se lá não tem escola, se lá não tem hospital, se lá não tem luz elétrica, se lá não tem água, se lá não tem esgoto, se lá não tem lazer, o Estado não existe para vocês. Então, se nós quisermos que a maioria de bem vença a minoria que já caiu na criminalidade e no crime organizado, o Estado precisa competir, o Estado precisa entrar nos bairros mais pobres e levar decência, levar dignidade, levar educação, levar saúde, levar emprego, levar, na verdade, esperança para que as pessoas acreditem que alguma coisa vai acontecer na vida delas.

Foi por isso que eu comecei agradecendo a Deus, porque quando eu vejo um de vocês contar o seu drama... Não me conte história ruim porque eu já vivi. Quando alguém me conta: “a minha casa encheu d’água”. Eu me levantava à 1h da manhã, com rato subindo na cama para não morrer afogado. Eu me levantava às 2h da manhã com fezes boiando na beira da cama, com barata, perdia tudo. Quando muito, Eduardo, as prefeituras davam para a gente um colchão de capim. Eu ainda agradecia a Deus por ter um colchão de capim,



porque quando eu morei em Garanhuns, nem colchão de capim eu tinha, dormia em taquara mesmo.

Eu também aprendi a nunca reclamar da vida. Para mim – não é agora, que eu sou presidente – nunca teve tempo ruim, eu nunca fiquei sentado culpando os outros pela minha desgraça, nunca. Eu ia à luta todo santo dia, eu acreditava que era possível. É isso que eu quero dizer para vocês: a vida humana é muito curta, a gente vive hoje, em média, 71 anos, a gente não pode parar para ficar reclamando a vida inteira. Nós temos que lutar como o pessoal do Jordão fez, lutar, acreditar, reivindicar, fazer... porque é assim que os políticos ouvem o povo. Se vocês ficam quietinhos, todo mundo acha que está tudo muito bom.

Então, meus companheiros e companheiras de Pernambuco, eu sou um homem de muita fé, sou um homem de muita esperança e eu determinei, na minha vida, que o Nordeste brasileiro não pode continuar a ser a parte pobre do País. Esta região, durante 300 anos, foi a parte rica deste País, era aqui que se produzia a cana, era aqui que se atendia o mercado europeu, era aqui que se atendia os Estados Unidos. Mas a riqueza produzida neste estado foi consumida por pessoas que ganhavam o dinheiro aqui e iam comprar apartamento em Paris, iam comprar apartamento no Rio de Janeiro, iam comprar apartamento em São Paulo, e a riqueza não ficava aqui.

Quando houve a industrialização de São Paulo e o pólo econômico se transferiu para o Sul do País, o que restou aqui foi a transferência de pobres para o Centro-Sul do País, como minha mãe foi, em 1952, para que oito filhos não morressem de fome onde hoje se chama Caetés, que era Garanhuns em 1952. Igual a minha mãe, milhões de nordestinos foram embora. E o que mais me deixava nervoso era quando as pessoas diziam: “Nordestino vai para São Paulo para ser pedreiro, essa ponte foi feita por nordestinos, esse prédio foi feito por nordestinos”, como se a nós estivesse relegada, como única tarefa, a de ser pedreiro. Eu falei: não. O povo nordestino tem que ter o direito de ser



engenheiro, de ser médico, de ser alguma coisa a mais. É por isso que das 48 extensões universitárias que estamos fazendo no País, 14 são no Nordeste. Só aqui em Pernambuco são 5 escolas técnicas, mais a faculdade de Serra Talhada, a de Garanhuns, a de Caruaru e a de Olinda. Por quê? Porque nós entendemos que chegou a hora e a vez do povo que foi marginalizado a vida inteira neste País. Não é possível que o filho do pobre estude na escola pública, no 1º grau, e o filho do rico, na escola privada. Depois, na universidade, quem vai para a (universidade) de graça é o rico, e o pobre tem que ir para a (universidade) paga. Agora, acontece que o pobre não tem dinheiro e, portanto, termina fora da escola.

Por isso nós criamos o ProUni. Só neste ano se inscreveram mais 100 mil jovens da periferia no ProUni, vai para 410 mil jovens no ProUni. Neste ano, Eduardo, tem a formatura da primeira turma do ProUni: 60 mil jovens vão se formar e 40% deles negros, da periferia deste País. Agora, Eduardo, criamos o Reuni. O Reuni vai aumentar a carga de trabalho nas universidades federais. A média de alunos por professor vai sair de 12 para 18, e vai ter cursos à noite. Isso significa colocar mais 400 mil jovens, até 2012, nas universidades já existentes, fora as novas que estamos criando, que são 10. Nós estamos fazendo isso porque entendemos que o Brasil não pode jogar fora mais nenhuma oportunidade.

Tem gente que se incomoda, Eduardo: “Por que o Lula vai tanto ao Nordeste, vai tanto a Pernambuco? Por que é que eu vim aqui? Aprendi com a minha mãe... Minha mãe teve 12 filhos, quatro morreram, oito viveram, e ela sempre dizia: “a gente tem sempre que dar atenção ao mais fraco, ao mais frágil. Quando uma criança está vulnerável, é naquela que a mãe mais faz dengo, é aquela que a mãe mais ajuda, é aquela que a mãe bota para dormir com ela”. Eu trato o País como trato os meus filhos, com o maior carinho do mundo, sempre dando atenção para aquele que necessita mais. O Nordeste necessita mais, e precisa de mais indústrias para gerar mais empregos para



todo o Nordeste brasileiro. O dinheiro que nós anunciamos aqui, hoje, não é só para Pernambuco. A mesma quantidade ou mais vai estar na Bahia, no Piauí, em Sergipe, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, no Maranhão, no Ceará, no Amapá, no Pará, no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, em Goiás, em Brasília, em São Paulo, ou seja, não tem partido. Perguntem aos governadores do PSDB se eles receberam mais dinheiro no governo deles ou no meu governo. Eu não quero saber se o Serra é do PSDB. Eu quero saber que o povo de São Paulo é brasileiro e merece tanto respeito quanto o povo de Pernambuco.

Eduardo, você foi ministro de Ciência e Tecnologia. Neste ano, nós colocamos no PAC, 41 bilhões e meio de reais para investir em ciência e tecnologia até 2010. Não há momento na história do País em que a ciência e a tecnologia tenham sido contempladas com um programa. Não um programa do ministro Sérgio Resende, mas um programa do governo brasileiro, um programa do Estado, para que quando terminar o meu governo, quem quer que venha depois tem que cumprir aquele programa que está elaborado, porque não é um programa feito por nós, é um programa feito pela sociedade.

Eu sei, meus companheiros e companheiras, que a gente fica falando aqui e vai se lembrando de coisas, e daqui a pouco eu tenho que visitar a terraplanagem da Refinaria, tenho que visitar o Estaleiro. Depois tem mais coisa para a gente fazer amanhã, a instalação do Banco Azteca aqui, reunião com os empresários mexicanos para que a gente possa continuar a atrair para o Nordeste indústrias, comércios, supermercados, o que for necessário para que a gente possa tornar Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste mais ou menos iguais, e que vocês queiram visitar São Paulo por turismo, não para ir trabalhar como pedreiros. Que um paulista venha aqui para viajar como turista. É essa a condição que nós queremos criar.

Só foi possível fazer tudo isso, Eduardo, depois de quatro anos amargos. Porque os primeiros quatro anos foram muito amargos. Sabe aquela



mãe que não gosta do genro e fica dizendo: “o casamento não vai dar certo, você não vai casar, não vai dar certo, eu sou contra você se casar”. Depois a filha se casa e vive feliz para o resto da vida e a mãe, às vezes, não quer pedir desculpas, ou o pai. Conosco foi assim, eles acharam que a gente não ia dar certo. Como eles deixaram o Brasil quebrando, eles acharam que o Brasil ia quebrar: “daqui a dois anos o povo está gritando nas ruas ‘fora Lula’ e nós vamos voltar”. Eles não sabiam que eu tinha uma coisa na cabeça. Eu sabia que um operário não podia dar errado, porque se a gente desse errado, a gente ia ficar mais 300 anos para chegar ao poder. Eu sabia que a gente tinha que dar certo.

Por isso é que nós trabalhamos. Eu posso contar para vocês que nós trabalhamos mais do que já se trabalhou em qualquer outra época deste País. O Eduardo disse uma coisa verdadeira, quando a gente anunciou o PAC de 504 bilhões, anunciou 40 bilhões para saneamento básico, anunciou 106 bilhões para habitação, além de ferrovia, de hidrovias, de portos e aeroportos, quando o governo anuncia, se o governo não estiver atrás, todo santo dia...É como cuidar de filho fazendo lição de casa. Às vezes, você pergunta: “meu filho está fazendo a lição?” E ele está trancado no quarto: “estou pai, estou mãe”. Aí, você vai ver, ele está fazendo qualquer coisa, menos a lição de casa. Se a gente não cuida do Programa, é assim. Nós anunciamos 504 milhões, mas se a gente não vai atrás, se o Eduardo não monta um conselho gestor, se o João Paulo não monta um conselho gestor, se a gente não monta, sob a coordenação da Dilma, um conselho gestor, se cada Ministério não monta um conselho gestor, e se vocês não ficarem acompanhando...

Acho que eu tenho quase idade para ser pai do Eduardo e do João Paulo. Eles parecem mais velhos do que eu, mas eu tenho idade de ser pai deles. Eles sabem do carinho pessoal que eu tenho por eles, carinho de irmão, de pai, de tudo que vocês possam imaginar. Agora, a única coisa que eu cobro deles é que: pelo amor de Deus, essas obras significam muito, porque elas



significam melhoria da qualidade de vida de vocês. Depois, elas significam emprego para muita gente, e emprego significa salário, salário significa poder de compra. As pessoas vão poder comprar; as pessoas comprando na loja, a loja vai comprar da fábrica, a fábrica vai produzir mais e vai precisar de mais empregados. A economia do estado vai crescendo, mais empresas vão vir para cá, mais empregos vão gerar. É nisso que nós precisamos acreditar e fazer. É por isso que eu peço a vocês: tratem essas obras do PAC como se fossem filhos de vocês, porque esse povo é um povo de muita paciência.

Às vezes eu fico agradecendo a Deus, por ver como o povo brasileiro é paciente, porque passar as privações que o povo passa, vendo entrar governo e sair governo, e nada acontecer para o povo, é ter muita paciência. O que salva é a fé que o povo tem em Deus, é o que salva. Nós somos muito cristãos e acreditamos sempre que amanhã vai acontecer alguma coisa.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: nós começamos uma revolução administrativa neste País. Nós começamos com o PAC, mas antes nós tínhamos começado com a política social. Tem gente que critica: “o Bolsa Família é assistencialismo, é esmola”. É esmola para quem pode dar 70 reais de gorjeta depois de tomar 1 litro de uísque. Mas para uma mãe, que pega 70 reais para comprar pão e farinha para casa, é muito dinheiro. Nós não queremos que as pessoas fiquem no Bolsa Família a vida inteira, nós queremos que as pessoas comecem a trabalhar e vão deixando o Bolsa Família para outros. Deus queira que um dia não tenha ninguém precisando de Bolsa Família, que esteja todo mundo trabalhando e todo mundo sustentando a sua família com o resultado do seu suor e do seu sangue.

Este País começou e não tem volta. Vocês podem ver televisão, alguns adversários gritam e xingam, é o papel deles. Eu também já fui oposição, eu já xinguei muito. Hoje eu fico lembrando, Eduardo, o tanto de discurso que eu fiz contra o Sarney, quando ele anunciou a Ferrovia Norte-Sul, em 1987. Eu cansei de falar mal do Sarney. Hoje, em apenas cinco anos, nós já fizemos



mais da Ferrovia Norte-Sul do que todos os outros governos em 17 anos. Por quê? Porque eu fiquei mais velho, amadureci, peguei mais responsabilidade e já não sou daqueles que acha que a palavra é fácil, que eu posso falar tudo. Não. Eu tenho que falar aquilo que é possível falar, sem ofender as pessoas. Hoje eu compreendi que a Ferrovia Norte-Sul é uma necessidade.

A Ferrovia Transnordestina, que vocês viram aqui, vai ligar o Porto de Suape ao Porto de Pecém, no Ceará, e vai ter um tramo até Eliseu Martins, no Piauí. Pois bem, sabem o que as pessoas me diziam? “Não faça essa ferrovia, Presidente, essa ferrovia não tem viabilidade econômica, não tem nada perto dela, por que o senhor vai fazer?” Tem estado que é tão desenvolvido que você precisa levar a ferrovia porque já tem indústria. Tem outros que precisam tanto da ferrovia, porque somente depois dela é que vai vir a indústria.

Então, o que nós fizemos? É um projeto privado, mas a Dilma sabe o trabalho que nós tivemos, de chamar o empresário; depois, chamar os governadores; depois, chamar o Ibama. Então, quando eu vejo, Bazileu, você entregar para o Eduardo Campos a assinatura do contrato, dando autorização para que o Ibama de Pernambuco cuide de ajudar nesse processo, eu fico feliz. Sabe por que, Eduardo? Porque eu ainda quero ir, com você, em Salgueiro colocar um trilho na Ferrovia Transnordestina. Era um sonho do governador Miguel Arraes, em 1989, quando eu fui candidato a presidente.

Quando eu fui candidato a presidente, eu vinha do Crato em um avião com o Miguel Arraes, e Arraes dizia: “Lula, a única coisa que eu quero de você é que você faça a Transnordestina”. Pois bem, ela vai ser feita, da mesma forma que a revitalização do rio São Francisco, levando água para Pernambuco, para o Ceará, para a Paraíba e para o Rio Grande do Norte. Essa obra começou com D. Pedro II, em 1847. Ele era imperador e não teve força de fazer. Pois bem, eu não sou imperador, eu sou apenas presidente da República, mas o povo brasileiro se politizou mais do que naquela época e está a exigir, que não é possível a gente ver pessoas passar sede porque não tem



chuva. A chuva é um problema, mas a fome por conta dela é falta de vergonha dos governantes, porque a gente tem como resolver o problema da falta d'água, e vamos fazer.

Tem barulho? Tem. Tem greve de fome? Tem. Não tem problema, eu nasci na luta. Se as pessoas fazem greve, eu já fiz greve. Se as pessoas fazem greve de fome, eu já fiz, fiz por seis dias. (inaudível) Fiz seis dias de greve de fome e quando a lombriga maior estava comendo a menor, eu fiquei pedindo a Deus para alguém me mandar parar com a greve de fome, porque eu já não agüentava mais. A vontade que eu tinha de comer um taco de rapadura, um taco de carne-de-sol. Então, eu acho que os movimentos, todos, têm o direito de protestar, é legítimo, é democrático, é republicano, mas aquilo que for para melhorar a vida do povo eu vou fazer neste País. Podem ficar tranqüilos que nós vamos fazer.

Nós não somos mágicos e não temos varinha de condão, não podemos fazer tudo num toque de mágica, mas nós estamos trilhando o caminho. Eu tenho fé em Deus que eu deixo o governo, mas este companheiro continua governando Pernambuco. A oposição pensa que vai eleger o sucessor. Podem tirar o cavalinho da chuva, porque nós vamos fazer a sucessão para continuar governando este País. Podem tirar o cavalo da chuva. Ainda está muito longe. Mas se alguém pensa que vai atrapalhar o projeto de desenvolvimento deste País, vai ter que lutar muito e vai ter que trabalhar muito. Apenas fazendo discursos, não vão nos derrotar, não. É preciso trabalhar mais do que nós e dizer ao povo o que eles fizeram antes de nós, porque eles já governaram. Eles não são marinheiros de primeira viagem, eles já passaram 500 anos governando este País, eles têm que dizer o que eles fizeram para a educação, e aí, vamos comparar. E aí vamos trabalhar com muito carinho, meus companheiros.

Eu vou voltar a Pernambuco, ainda, mais algumas vezes. Vou agora ao Rio Grande do Norte, à Paraíba, à Bahia, vou ao Piauí. Eu vou visitar todos os



estados brasileiros e os meus adversários vão dizer: “Está em campanha, está em campanha”. Eu não estou em campanha, porque não tem eleição para presidente. E, se tiver, eu não posso concorrer. Então, eu não estou em campanha. Agora, se eles acham que eu vou ficar lá em Brasília ouvindo discursos, eles podem fazer quantos discursos quiserem, que eu vou para a rua ouvir os discursos do povo, porque eu ganho muito mais com isso.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, é com muito orgulho...Eu, agora, tenho um encontro com o presidente Chávez, vamos assinar o acordo da Refinaria, depois vamos visitar o Estaleiro Atlântico Sul, para construir os grandes navios aqui no Porto de Suape. O Eduardo estava me contando da escola de formação profissional que foi feita lá, da emoção que aconteceu. Então, eu acho que é isso, companheiros. Vamos continuar nos organizando, vamos continuar lutando e acreditando que a gente pode fazer muito mais. Nós estamos apenas começando, o caminho é longo, mas o caminho é alentador. E agora, com o PAC, certamente nós aprendemos que este País nunca mais vai parar. Este País passou muitos anos parado, ele agora aprendeu a andar e, daqui a pouco, estará aprendendo a correr. E eu acho que nós vamos nos transformar numa grande economia mundial.

A última coisa que eu queria dizer para vocês. Vocês estão lembrados que todos vocês, um dia, carregaram faixas: “fora FMI”. Não carregaram? Cadê o FMI? Não existe. E não precisamos fazer bravata. Não só devolvemos os 16 bilhões deles, como o Brasil não tinha reservas e hoje temos quase 200 bilhões de dólares em reservas. Hoje, quem está em crise não é o Brasil, são os Estados Unidos. Eu quero que eles melhorem, porque os Estados Unidos são um grande parceiro, compram muito do Brasil e vendem muito para o Brasil. Mas, até agora, a crise deles não chegou aqui, e Deus queira que não chegue. O que nós queremos é que o Brasil se transforme num país de muita solidez, porque quanto mais o País crescer, mais vocês vão melhorar. Eu sei o valor que tem para o pai de família o emprego. Eu sei o valor que tem para a mãe o



filho estar trabalhando, porque se ele não está trabalhando e não está estudando, a mãe vive agoniada por não saber onde está o filho. E quando ele está estudando e trabalhando, a mãe, certamente, passa o dia com muita tranqüilidade.

Eduardo Campos, João Paulo, deputados, secretários e meus queridos irmãos e irmãs de Pernambuco, que Deus abençoe todos nós e que a gente possa fazer muito mais pelo País.

(S211A)